

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1^a Ep'st. aos Coríntios cap. I. v. 23.

DOMINGOS

Redacção:

Rua da Quitanda N. 39

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qual quer mez, mas finda em Dezembro.

ANNO VIII

Rio de Janeiro, Abril de 1899

NUM. 88

Morreu Jesus

O véo do Santo dos Santos, de modo misterioso, rasga-se de alto a baixo; o sol esconde a sua face; a terra estremece; as rochas partem-se; as sepulturas abrem-se e os mortos sahem das covas!... E que no alto do Calvario, entre doux malfeiteiros, pendurado nos braços de uma cruz maldita, com a fronte coroada de espinhos, com o lado aberto, com os braços e os pés traspassados com grossos e duros cravos, Jesus, que é Deus-humanado; Jesus, que é Deus bendito por todos os séculos, dando um grande brado, rendeu o espírito...

Tal foi a tragedia do Golgotha há desenove séculos: o homem na sua illimitada perversidade, não trepidou em crucifixar Aquelle, que, sem cessar, por toda a parte, levantou monumentos de sua infinita caridade!

«Bem fez o sol em occultar
Nas trevas o seu esplendor;
Quando por mãos crueis morreu
Jesus, o eterno Creador.»

**

Quando o homem peccou, já na infinita Providencia de Deus estava traçado o plano da salvação, e no tempo determinado, Jesus, o Filho Unigenito de Deus, Jesus, o Verbo da Vida, veio a este mundo, revestiu-se da fragilidade humana, e morreu no patíbulo mais infamante, afim de salvar o homem da perdição eterna.

De sorte que, o crente, hoje, pôde dizer com todas as véras do seu coração: Jesus é o preço da minha redenção; Jesus é meu Salvador; Jesus é a carta da minha

liberdade; Jesus é a minha esperança; Jesus é o meu guia e a vida do meu coração.

Rio, 7-3-99,

DOMINGOS COELHO RIBEIRO.

AS 12 TRIBUS DE ISRAEL E OS 12 FILHOS DE JACOB

Sempre se falla, em a linguagem bíblica, das 12 tribus de Israel como representando os descendentes dos 12 filhos de Jacob. Do Genesis ao Apocalypse, falla-se nas 12 tribus de Israel, como o numero perfeito do Povo de Deus. Mas, estudando-se um pouco o assumpto, encontra-se dificuldades que, á primeira vista, não aparecem. Nos Capítulos 29 e 30 de Genesis são mencionados os nomes dos 12 filhos de Jacob, que aqui damos em ordem, segundo o nascimento:

1. Ruben.	7. Gad.
2. Simeão.	8. Aser.
3. Levi.	9. Issacar.
4. Juda.	10. Zabulon.
5. Dan.	11. José.
6. Nephtali.	12. Benjamin.

Cada um desses nomes, na lingua original (chaldaica ou hebrea) tem uma bella significação de um voto ou agradecimento a Deus pela sua misericordia, nome intraduzivel em portuguez, a não ser por uma longa phrase, que tira a expressão symbolica do original.

As duas mulheres de Jacob chamavam-se Lia e Rachel; mas todos esses filhos não foram dados á luz por ellas; só 8 o foram.

Quatro, eram filhos de Jacob e de duas escravas: dois, filhos da escrava de Lia, chamada Zelfa; e dois, filhos da escrava de Rachel, chamada Bala.

Naquelles tempos, era considerado como vergonha e deshonra a mulher casada que não tivesse filho varão; e tanto mais honrada e louvada a que maior numero de filhos apresentasse.

E assim a que não os tinha, ou os tinha em pequeno numero, podia, por lei ou pelos usos admittidos, telos por parte de suas escravas, e ficavam como si fossem seus, e herdeiros directos do nome de seu marido.

E' por essa razão que 4 dos filhos de Jacob, que o eram das duas escravas, são tidos como filhos legitimos de suas mulheres, e equiparados em todos os direitos e regalias aos outros oito filhos, e assim tidos diante de Deus. Os filhos de Lia eram 8, sendo 2 pela escrava Zelfa: 1 Reben (1)—2 Simeão (2)—3 Levi (3)—4 Juda (4)—5 Isacar (9)—6 Zabulon (10).

Filhos de Zelfa: 7 Gad (7)—8 Aser (8). Os filhos de Rachel eram 4, sendo 2 della: 1 José (11) e 2 Benjamin (12); e 2 da escrava Bala 3 Dan (5) e 4 Nephtali (6).

NOTA.—Os numeros entre parenthesis são da ordem do nascimento dos 12.

Lia teve um filha chamada—Dina—que nasceu depois de Zabulon, que era o ultimo filho seu, e ante-penultimo dos de Jacob.

Eram estes pois os nomes dos 12 filhos de Jacob, seus herdeiros e descendentes directos.

No 1º cap. de Numeros, quando o Senhor mandou Moysés fazer o recenseamento do povo de Deus que podia ir á guerra, menciona as seguintes tribus:

1. Ruben.	7. Nephtali.
2. Simeão.	8. Aser.
3. Manassés.	9. Issaeur.
4. Gad.	10. Zabulon.
5. Juda.	11. Efrain.
6. Dan.	12. Benjamim.

Como se vê, não figuram no numero dos 12, os nomes de José e de Levi, que estão substituídos por Efrain e Manassés.

Qual a razão da substituição?

Para a tribo de Levi, achamos logo explicação no v. 49 desse mesmo capítulo. «Não contes a tribo de Levi; mas inuem-te-as de cuidarem do Tabernáculo... e de tudo que pertencem ás ceremonias».

Quanto á de José, achamos explicação no cap. 48 de Genesis, quando Jacob, antes

de morrer, mandou chamar José, com seus dois filhos, para abençoá-los.

Disse Jacob a José: «Portanto os teus dois filhos que te nasceram na terra do Egypto, antes que eu para aqui viesse para ti, serão meus; assim como Ruben e Simeão (que eram os dois mais velhos) Efrain e Manassés serão reputados meus filhos». E quando foram abençoados José cílico a Manassés (que era o mais velho) á direita de Jacob; e Efrain á sua esquerda.

A benção pronunciada em primeiro lugar, a benção do primogenito, a benção da mão direita era sempre mais valiosa e maior do que a outra; era a praxe geralmente respeitada. Mas Jacob, crusando as mãos, apesar dos protestos de José, deu a benção maior, de primogenito, ao mais moço—Efrain. Na divisão do territorio, posteriormente feita, como na descendencia, essa tribo foi melhor aquinhoadas que a outra. Ficaram pois essas duas tribus, substituindo á de Levi e á de José; e d'ahi figuraram esses dous nomes novos na distribuição do territorio, mas permanecendo sempre o numero symbolico—12.

Propriamente, pois, existiam 13 tribus, d'ahi por diante; contava-se, porém, 12, quando se se referia á descendencia, porque Efrain e Manassés, eram descendentes de José; e entrava então Levi; e 12, quanto á posseção do territorio, porque contava-se Efrain e Manassés, mas não se contava a tribo sacerdotal de Levi.

Jacob, antes de morrer, deu a cada um de seus filhos uma benção especial segundo os actos e o comportamento de cada qual, em vida, mas benção que attingia propheticamente á respectiva posteridade de cada um; e como se cumpriram essas benções, veremos no correr deste estudo.

Em Deuteronomio, cap. 33, encontra-se uma dificuldade a resolver: Moysés, antes de morrer, confirmando, ampliando e esclarecendo as benções que Jacob déra 240 annos antes, mais ou menos, e abençoando, por sua vez, cada uma das descendencias, propheticando-lhes o futuro, não menciona a tribo de Simeão. Menciona, a de Levi e a de José, fallando na divisão entre seus dois filhos, de modo que dá sómente benções e prophecias para 11 tribus; deixando de parte, sem referencia alguma, a posteridade de Simeão.

Essa omissão parece inexplicavel. No cap. 19 de Josué acha-se qual o territorio que caiu por sorte á tribo de Simeão, na

divisão que houve das terras conquistadas, pelas 12 tribus d' Israel ; e ahi se encontra o cumprimento da benção prophética de Jacob.

No cap. 11 de 3º Reis, encontra-se outra difficultade. Antes de haver a divisão do Reino de Israel, e mesmo na occasião, Deus disse a Salomão : «Não lhe tirarei o reino todo, mas darei a teu filho *uma tribu*».

O propheta Abias Silonita encontrando Jeroboão, rasgou a capa que trazia em 12 TIRAS ; deu 10 a Jeroboão, significando 10 tribus ; e ficou com *uma*, dizendo—«Tirarei porém o reino das mãos de seu filho (Roboão) e te darei *10 tribus* ; a seu filho porém darei *uma tribu*». Estam ahi 11, e a outra ? é a pergunta que naturalmente ocorre fazer.

Logo adiante, no cap. XII, v. 21 diz-se que Roboão juntou toda a tribo de Judá e de Benjamin. E d'ahi por diante, sempre que se fala no reino de Judá, vê-se que elle era constituído tambem pela tribo de Benjamin, mas no entanto sempre contado como *uma unica tribu* fiel á casa de David.

Portanto 10 tribus constituiram o reino de Israel e 2, o reino de Judá, embora mencionado como *uma unica* tribo, tanto nas prophecias como no texto em geral. E porque seria essa omissão, na ordem numérica, de Benjamin ?

Reportemo-nos ao passado a vêr si este facto tem algumas referencias a factos anteriores. Quando os filhos de Jacob foram ao Egypto buscar trigo, José exigiu que elles trouxessem Benjamin. Jacob não queria consentir em separar-se d'elle ; entô Judá disse : «Eu me encarrego do menino ; si t'ô não trouxer e t'ô não restituir, serei réu de crime para contigo em todo o tempo». Elle tomou-o, portanto, sob a sua responsabilidade e protecção.

Mais tarde, quando Josué fez a distribuição do territorio entre as 12 tribus, coube a Benjamin uma pequena porção *encravada no da tribo de Judá*, e tendo ambos como sua capital commun, a cidade de Jerusalém. Parecia como si a tribo de Judá absorvesse a de Benjamin : portanto, esta era só mencionada na occasião de fornecimento de tropas de guerra.

Assim como outr'ora, Judá respondia por Benjamin, agora, a tribo respectiva de Benjamin que era pequena, achava-se como que encorporada á de Judá, que era

a maior ; e a possessão territorial de uma encravada na da outra. Realisava-se assim nas descendencias e nas posses, o que os seus respectivos fundadores e chefes praticaram em vida : o mais velho e mais forte respondia pelo mais novo e mais fraco ; desapparecia um na entidade do outro ; e nas tribus respectivas uma só figurava pelas duas.

Quando houve a scisão do reino, 10 tribus seguiram a Jeroboão. Mas a tribo de Simeão (não citada por Moysés, nas suas benções especias) pela sua distribuição geographica (consulte-se um mappa da epocha) ficava completamente isolada das outras 9, pelas tribus de Judá e Benjamin, que a separavam.

Era a tribu mais ao sul. Além, disso, era fraca em homens guerreiros e, demais, as suas terras achavam-se intercaldadas nas de Judá, e elles mesmos espalhados, segundo a prophécia realizada. Não se comprehende, pois, como poude ella tomar partido contra Judá ; a não ser, o que é bem provavel, attentas ás circunstancias, que ella esteja contada no numero das 10, apenas porque não manifestou-se francamente á favor de Judá. Ou tambem, porque apesar de ter o espirito geral contrario a Judá, era comtudo, pela sua posição isolada, dominada material e moralmente pela outra. Ainda assim, quer pela distribuição do seu territorio, quer pela posição social dos seus habitadores, realizava-se a prophécia de Jacob e depois a benção de Moysés. E vem tambem a pello explicar nesta mesma occasião a causa primordial da disseminação de Levi pelas outras tribus de Israel.

Voltamos a epocha anteriores. Antes de Jacob morrer, assim se pronunciou a respeito desses dous filhos : «Simeão e Levi, irmãos.... na sua sanha, mataram aquelle homem e, conforme a sua vontade, arrombaram um muro».

«Eu os dividirei em Jacob e os espalharei em Israel». Gen. 49, 5, 6 e 7.

Que homem foi esse que elles mataram ? Foi Sichém, que tinha desrespeitado a irmã delles, Dina ; cuja historia está relatada no cap. 34 de Genesis. A tribo de Levi, todos sabemos já, que não possuia territorio ; achava-se espalhados por todo o Israel ; tendo no meio dos outros 12 tribus, 48 cidades e algumas aldeas. Vide Josué, capitulo 21. No capitulo 19, fallando da herança dos descendentes de Simeão diz : «E foi a herança delles no meio da herança dos

filhos de Judá»; «na possessão e territorio dos filhos de Judá».

Cumpria-se assim a prophecia de Jacob: foram divididos e espalhados no meio das outras, os descendentes destas 2 tribus. E é por isso, talvez, que a tribo de Simeão não é nomeada. Mas, chegando finalmente ao cap. VII do Apocalypse, onde se relata os 144 mil assignalados com o nome de Deus, sendo 12 mil de cada tribo, vemos mencionados os seguintes nomes:

1. Judá.	7. Simeão.
2. Ruben.	8. Levi.
3. Gad.	9. Is acar.
4. Aser.	10. Zabulon.
5. Nephtali.	11. José.
6. Manassés.	12. Benjamin.

Ora, no verso 4 faz-se notar que estavam representadas TODAS AS TRIBUS de Israel; no entanto, falta a tribo de Dan.

Em contraposição tem dous representantes de uma mesma tribo, José e Manassés. Essa omissão é talvez devida ao tradutor, ou vem dos tempos primitivos; si não for maior a dificuldade de explicação. Quanto á tribo de Judá, esta foi a benção de Jacob: «Não se tirará o sceptro de Judá... menos que não venha aquelle que deve ser enviado. E este será a expectação das gentes». Tudo se verificou. Quando morreu Josué, foi a tribo de Judá quem guiou o povo de Deus á terra da promissão. (Juizes 1; 2).

David, 2º rei de Israel era descendente directo de Judá. O 1º rei, Saúl, era da tribo de Benjamin. Todos os 20 reis de Judá eram descendentes directos de David. Finalmente, Jesus Christo, a *Expectação das gentes, a Estrela de Jacob*, completava o alvo daquella prophecia feita 1.700 annos antes da sua vinda (Gen. 49; 10).

No estudo da Biblia, ha logares que uma creança entende; ha logares que um sabio não alcança.

N. S. C.

Março de 1899.

Pernambuco

O Sr. M. S. Andrade, mandou-nos o seguinte relatorio que com satisfação publicamos, tendo apenas omittido umas palavras no principio e outras no fim.

Illustres Redactores do *Christão* e presados irmãos no Senhor:

Nosso estimado pastor Sr. Fanstone chegou aqui a 17 de Novembro do anno passado e tanto elle como o Sr. Mc. Call têm-se de tal modo dedicado a interceder e a trabalhar a favor dos Pernambucanos que podemos testificar como verdadeira a promessa do Senhor em Matt. 18. 19. «Se dois de vós concordarem na terra sobre qualquer cousa que pedirem, lhe será feita por meu Pae que está nos céos».

Pessoas estranhas affluem aos cultos, o nosso salão tem ficado repleto em algumas reuniões, muitas pessoas dão signaes de estarem anciosas pela salvação, outras, confrontando oposição e perseguição tem sido baptisadas.

Entre todas as reuniões a mais memorável é sem duvida a do raiar do novo anno, na qual compareceram crentes de Caruarú (dist. 130 kilms.) de Timbaúba (112 kilms.) Bom Jardim (103 kilms.) Jabeatão (17 1/2 kilms.) e de muitos outros subúrbios desta cidade, taes como Arraial, Espinheiro, Magdalena, etc. Principiou esta reunião ás 7 horas e terminou depois de meia noite e a despeito de estar inteiramente cheio o salão todos manifestavam prazer. Muitas orações subiram a Deus, muitos irmãos tiveram a palavra e o Secretario da Igreja apresentou um relatorio que tambem vos remetto com as alterações que houveram desde aquella data até á presente.

Pessoas recebidas na Igreja Pernambucana a contor de Fevereiro do anno corrente.

Residentes no Recife

1. Manoel Alves de Souza.
2. Etelvina de Mendonça.
3. Carolina Angela Teixeira de Faria.
4. Leopoldina de Albuquerque.
5. Laudelina de Albuquerque.
6. Lydia Ferraz.
7. Ruth Ferraz.
8. Tertuliano Pereira da Silva.
9. Chispiniano Franco da Costa.
10. Josepha Alberta da Silva.
11. Maria Firmina dos Santos.
12. José Joaquim de Oliveira.
13. Raymunda de Oliveira.

Transferidos da Igreja Recifense

14. Manoel Maximiano Chagas.
15. Ulysses Nery Cezar de Mello.
16. Balbina Pastora de Mello.

Readmittidos

17. Julião dos Santos.
18. Cosme José do Nascimento.

De Caruarú

19. José Orives.
20. Pedro Demetrio de Souza.
21. Maria Nazareth da Annunciação.

De Jaboatão

22. Amaro Duarte.
23. Albino Uehôa.
24. Emilia Josepha da Silva.

De Timbaúba

25. José Joaquim de Mariz.

Transferida para a Igreja Methodista do Rio de Janeiro

Ambrosina Pereira dos Santos.

Excluida

Maria Rita da Silva.

Falecida

Constança M. do Nascimento.

Adoecendo e embarcando o Ministro Inglez e sendo por esta razão interrompido o serviço da Igreja Anglicana, os Srs. Fanstone e M. Call anunciaram culto inglez todos os Domingos ás 11/12 horas da manhã em nosso salão, e desde Dezembro se reunem mais ou menos em cada Domingo 30 pessoas inglezas. Alguns dos quaes manifestaram seu agradecimento.

Foi seguro o nosso predio na Companhia Imperial de Londres no valor de vinte contos de réis.

Sentido a necessidade de auxiliar a pregação do Evangelho em diversas localidades, foi organizada uma directoria evangelizadora no dia 3 de Fevereiro corrente, cujo fim é angariar donativos, estudar e empregar os da maneira que entender mais acertada.

Por proposta do Sr. Fanstone foram aprovados, por unanimidade, os seguintes irmãos: — H. M. Call, Presidente; M. S. Andrade, Vice-Presidente; Ulysses Nery Cezar de Mello, Secretario; João Fonseca, Thesoureiro; e Procuradores: — Manoel Francisco da Costa, Joaquim Damião e Amaro Tiburcio.

Os primeiros officiaes da Igreja Pernambucana.

Depois de instruções Bíblicas á cerca do carácter, deveres e responsabilidades, o Pastor Sr. Fanstone convocou sessão extraordinária no dia 12 de Janeiro proximo passado e por grande numero de irmãos foram eleitos os seguintes officiaes — Presbyters: — Francisco Bernardino de Oliveira, Manoel de Souza Andrade e Manoel Francisco da Costa.

Diaconos: — João Fonseca e Joaquim Damião; os quaes foram ordenados no Domingo 12 de Fevereiro corrente.

Notícias de Timbaúba

José Joaquim de Mariz, baptizado em nossa Igreja no 1º de Janeiro proximo passado, começou em Outubro do anno findo a fazer reuniões em sua casa, na rua Barão de Lucena nº 25. Tendo já sofrido perseguições, como já noticiei ha tempos, ainda mais augmentaram estas depois das reuniões regulares de todos os Domingos, quartas e sextas-feiras, e sua casa tem sido apedrejada e a gente da «missa secca» tem sido ameaçada até que na fe ta do tal S. Sebastião a 22 do passado, para terminarem com as obras de misericordia, os santos devotos foram a casa do referido irmão Mariz e despedaçaram todos os moveis que alcançaram e ainda foram atacar uma outra casa em um engenho. Estes factos foram commentados por todos os jornaes desta capital, porém os perseguidos continuavam a ver o perigo e as mansas ovelhas do Sr. Vigario, não satisfeitas em atearem fogo nas plantações dos crentes e a impedirem por todos os meios a que estes vivam alli, ainda procuravam lançal-os fóra; porém, o Sr. Fanstone junto com outros dois irmãos foram ao Chefe de Policia e este mando algumas praças e estas tem guardado as portas cumprindo com os seus deveres.

O diabo e seus emissarios continuam com a infernal guerra contra Jesus e os seus escollidos; mas não temos a menor duvida de quem será a victoria: «Toda a planta que meu Pae Celestial não plantou será arrancada pela raiz» e estamos vendo respondida a petição: «Venha a nós o teu reino».

O que muito sentimos é a falta de trabalhadores, mas Deus mesmo está trabalhando. Elle é o Senhor que pôde conseguir seus fins até por meio de um Jonas fugitivo e um Saulo perseguidor.

Sentimos profundamente a retirada do nosso Pastor Sr. Fanstone e tambem a ausencia temporaria do estimado irmão Sr. Kingston que com sua extremosa esposa vão ter um pouco de refrigero na Inglaterra.

Termino fazendo-vos o pedido que nos dispenseis a vossa sympathia e orações para que por palavras e piedade de acções, annunciemos a salvação em Nossa Senhor e Salvador Jesus Christo, da qual seja toda a gloria. Amen.

INEDITORIAL

A Ceia do Senhor

O Senhor Jesus na noite de sua entrega aos judeus, achando-se reunido com seus apostolos, celebrou a festa da Paschoa, e logo depois tomando do pão e do vinho que estavão na mesa, estabeleceu outra festa.

A Paschoa era um memorial ao resgate da escravidão no Egypto, a nova festa era um memorial ao resgate da escravidão do pecado.

As palavras que o Senhor Jesus empregou acham-se em Mat. 26, v. 26 a 29; Mar. 14, v. 22 a 25; Luc. 22, v. 19 a 20.

Esta instituição era (1) symbolica: o pão é o meu corpo, o vinho é o meu sangue (o verbo é, significa—representa). O pão representa meu corpo, o vinho representa meu sangue. (2) Era um memorial: fazei isto em memória de mim. (3) Era um signal de redempção e morte: este é o meu sangue do novo testamento (pacto) que será derramado para a remissão de peccados (Mat. 26, v. 26 a 28).

Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este calis, annunciareis a morte do Senhor, até que elle venha (1^o Cor. 11, v. 26). O nome dado é «Ceia do Senhor» (1^o Cor. 11, v. 20), porque foi estabelecida quando o Senhor Jesus ceiava com os seus apostolos.

A expressão—partiu pão—é tirada também do acto que Elle fez partindo o pão e dando aos seus discípulos, o que o apostolo Paulo diz: «O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e dando graças, o partiu (1^o Cor. 11, v. 23, 24). Em nenhum lugar da Palavra de Deus é chamada—sacramento.

Quando deve ser a Ceia do Senhor celebrada?

Nenhum mandamento existe para isto, tendo ficado á liberdade dos discípulos de Jesus o tempo e as vezes.

O Senhor Jesus celebrou de noite e uma outra vez (única) achamos que alguns discípulos se reuniam também de noite. Nenhuma outra indicação temos para a Ceia do Senhor ser celebrada todos os domingos de manhã. Não somos contrários á Ceia do Senhor todos os domingos, gostamos, mas não temos mandamento, nem pessoa alguma tem auctoridade de impor como sendo uma obrigação. Em Actos 20, v. 7 é que achamos discípulos que se ajuntaram no

primeiro da semana a partir pão. Porém, este ajuntamento mostra sómente o que aquelles discípulos fizeram, e isto não de manhã, mas de noite, havendo muitas lampadas no lugar onde estavam congregados.

Se os discípulos se congregaram todos os domingos para partir pão ou celebrar a Ceia do Senhor, o farão livremente, pois em nenhuma das epistolas encontramos instruções sobre este respeito. Uma cousa nesta occasião é que o apostolo Paulo disputava com estes discípulos, alargando o seu discurso até a meia noite. Portanto o ajuntamento destes discípulos do primeiro dia da semana não é regra para a Ceia do Senhor todos os domingos, mas é uma indicação que permittido fazer-se um discurso ou sermão aos crentes. As unicas instruções que temos a respeito da Ceia do Senhor é em 1^oCor.11. Aqui o apostolo censura os Corinthios pelas contendas que tinham, de modo que quando se congregavam não era para comer a Ceia do Senhor, porque cada um se antecipava a comer a sua ceia particular (v. 17 a 22).

Então o v. 23 a 29 recorda o que o Senhor Jesus fez, mas nada estabelece em quanto ao tempo e ás vezes.

A expressão—«todas as vezes»—não determina tempo e quantidade. Portanto entendemos que, segundo a Palavra de Deus, os crentes podem celebrar a Ceia do Senhor todos os domingos ou uma vez por mez, pôde ser de manhã ou de noite, e que para isto o Senhor e seus apostolos não estabeleceram regra alguma. Achamos bom a Ceia do Senhor todos os domingos, porque os crentes congregados no «Dia do Senhor» lembram-se d'Elle pela Ceia, annunciam a sua morte e lembram-se também da sua resurreição que se deu no primeiro dia da semana, mas isto é livre e não um mandamento, e não dá direito a alguém censurar outros crentes que amam a nosso Senhor Jesus Christo e que entendem que a Ceia do Senhor mais espaçada se torna mais reverente, como as festas que Deus estabeleceu aos Israelitas, que eram annuas, como a Paschoa, o Tabernaculo, e Pentecostes.

A Ceia do Senhor não é um sacrificio, mas um memorial. O pão não é o corpo do Senhor Jesus, não ha transsubstanciação mas symbolo ou representação e nenhuma relação tem com o discurso do Senhor Jesus em João 6, quando Elle falla em comer a sua carne e beber o seu sangue.

A Ceia deve ser celebrada como uma festa para os crentes, do mesmo modo como os Israelitas celebravam a Paschoa, isto é, com alegria; porque a Ceia é em memória do Senhor Jesus, o Cordeiro de Deus, que morreu por nossos peccados, e por cujo sangue fomos resgatados: «Purificai o velho fermento, para que sejaes uma nova massa, assim como sois asmos. Por quanto Christo, que é nossa Paschoa, foi immolado. E assim solemnissemos a nossa festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malicia e da corrupção, mas com os asmos da sinceridade e da verdade». (1^a Cor. 5, v. 7 a 8).

«Sabendo que haveis sido resgatados... não por ouro, nem por prata, mas pelo precioso sangue de Christo, como de um Cordeiro immaculado e sem contaminação alguma». (1^a Ped. 1, v. 18, 19).

Como uma festa, deve ser segundo o uso commun, á mesa, e não de joelhos. E' á Mesa do Senhor que os crentes devem chegar para a Ceia do Senhor, tomando o pão e o vinho quando lhes são entregues. Ajoelhar para receber o pão e o vinho tem uma apparencia de adorayão, (ainda que não o fazem neste sentido), é perigoso em um paiz catholico romano, onde o povo ajoelha-se e adora a hostia, crendo que ella é o corpo, alma, sangue e divindade de nosso Senhor Jesus Christo.

Christo celebrou a Ceia estando os seus discípulos recostados em divans junto á mesa, e nós devemos imitar a simplicidade, acompanhada da reverencia, sentando-nos em roda ou perto da mesa, e assim nos tornarmos participantes da Mesa do Senhor (1^a Cor. 10, v. 21).

O pão usado pelo Senhor Jesus era sem fermento, mas isto não estabelece que devamos usar pão sem fermento. Naquella occasião não havia outro pão, todo o fermento era retirado das casas dos Israelitas por causa da Paschoa.

Ainda que o pão sem fermento melhor represente o corpo do Senhor Jesus, no qual não havia peccado, nenhuma regra temos a este respeito, e podemos usar o pão commun de nossas mesas.

Como deve ser o pão? Inteiro ou partido? Alguns fazem questão do pão, querem que seja um pão, inteiro, mas onde está o mandamento para isto? Querem se basear em 1^a Cor. 10, v. 16, 17: «Porventura o calis de benção, que nós benzemos, não é comunhão do sangue de Christo? E o pão,

que partimos, não é a participação do corpo do Senhor? Porque nós todos somos um pão e um corpo, nós todos, que participamos de um mesmo pão». (1^a Cor. 10, v. 16, 17).

O pão é um, ainda que inteiro ou em pedaços, é sempre um do qual todos participam. O pão usado pelo Senhor Jesus era o que os Judeus tinham na Paschoa e Elle serviu-se do que era commun, e nesse tempo, não havendo talheres, Elle partiu com as mãos o pão e deu-o aos seus discípulos. O espirito do Evangelho não é ritualismo, para que certas e determinadas regras sejam estabelecidas, pois elles não estão mencionadas nas Escripturas. Portanto a Ceia do Senhor é uma instituição para ser conservada até á vinda do Senhor Jesus.

Pôde ser celebrada todos os domingos, de manhã ou de noite, ou uma ou duas vezes, ou tantas como os crentes entenderem.

Pôde ser um pão completamente inteiro ou partido de algum modo que facilite aos crentes tomarem. Ha liberdade, uma vez que ella não se afaste dos principios do Evangelho.

Onde não ha lei, não ha transgressão.

Na Igreja Evangelica Fluminense temos a Ceia do Sechor duas vezes por mez, uma de manhã e outra de noite. O pão que usamos é inteiro, sómente preparado para facilitar a tomal-o; partimos o pão lendo as palavras: «E dando graças o parti» (1^a Cor. 11, v. 24).

O pão é distribuído entre os crentes, que estão assentados, os quaes o tomam, partem e comem.

O Senhor Jesus deu graças, partiu e deu aos seus discípulos, dizendo: «Recebei e comei». Elle presidia á mesa e por isso partiu e deu.

A questão de que qualquer crente tem o direito de partir o pão, é de pouca importancia.

A Ceia do Senhor é tambem chamada— Mesa do Senhor—e onde ha uma mesa, ha sempre uma pessoa que preside. Na festa da Paschoa, que era uma festa de familia, era o chefe, e ainda que as Escripturas guardam silencio sobre isto (e nem era preciso tratar disto), é claro que alguém havia de presidir ou dirigir a Ceia do Senhor nas assembléas dos crentes. Já provámos que essas assembléas tinham presbyters e diaconos, e que os presbyters exerciam o encargo de apascentar o rebanho de Deus, e como taes, elles, assim cre-

mos, haviam de distribuir o pão e o vinho e um d'elles presidir á mesa.

«O que preside em vigilancia.» (Rom. 12. v. 8).

Assim como havia Presbyters que pregavam e ensinavam, e outros Presbyters que não pregavam nem ensinavam (1^a Tim. 5, v. 17, 18), é de crer que aquelles Presbyters presidisseis á Ceia do Senhor e distribuissem o pão e o vinho entre os crentes.

Em Actos 2 temos a noticia que 3.000 pessoas se converteram e que elles «permaneceram na doutrina dos apostolos, na communicação da *fracção do pão* e nas orações» (Actos 2, v. 41, 42). Como foi a Ceia do Senhor celebrada para 3.000 convertidos e mais tarde 5.000? (Actos 4, v. 4), Com um pão inteiro? Tendo cada um a liberdade de chegar á mesa e partir o pão? Em Jerusalém havia Apostolos e Presbyters (Actos 15, v. 4) e a boa razão ensina o principio de ordem em uma assembléa. Assim como os Presbyters apascentam o rebanho de Deus (1^a Pedro 5, v. 2), pregam e ensinam (1^a Tim. 5, v. 17, 18), devem ser honrados, a elles compete na assembléa dos crentes—a Igreja—presidir, dirigir e partir o pão da Ceia do Senhor para, com o vinho, ser entregue aos crentes, dizendo-lhes: «O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e dando graças, o partiu e disse: «Recebei e comei» (1^a Cor. 11, v. 23 a 29).

JOÃO M. G. DOS SANTOS.

Finanças do Brazil

DADOS INTERESSANTES

De um trabalho sobre finanças do Brazil e assignado pelo Dr. Pires de Almeida, publicado no *Jornal do Commercio* do dia 19 de Março extrafhamos os seguintes dados:

Inventario dos bens que constitue o patrimonio da Republica em 31 de Dezembro de 1897 (sem incluir os immoveis estadoaes e municipaees) somma total: 508.072 contos de réis. Na descriminação dos bens sobre-sahem a Alfandega da Capital Federal por 25.000 contos. Artilharia e munições e armamento da marinha 10.000 contos. Fortaleza de Santa Cruz 10.000 contos. Arsenal de Guerra da Capital 20.000 contos. Arsenal de Marinha predios e machinismos 50.000 contos. Navios de Guerra 150.000 contos.

Armamento e equipamento de tropas 30.000 contos. Açudes diversos no Estado do Ceará 15.000 contos.

Balanço do que possue e dos encargos da União em 31 de Dezembro de 1897:

Activo 2.282.142:000\$000

Passivo 1.557.629:000\$000

Dando um saldo a favor da União de 724.513 contos. No passivo figura a nossa dívida externa de 308.458 contos de réis, e a dívida interna (apolices) de 637.425 contos de réis.

Total 945.884 contos de réis ou quasi um milhão de contos de réis!!! Isto em 1897; quanto não deveremos hoje?

No activo, figura a Estrada de Ferro Central do Brazil avaliada em 250.000 eontos de réis; e como devedores, Paraguay com 600 mil contos, Uruguay com 23 mil contos e o Banco da Republica com 178.106 contos de réis!

Quando é que o nosso caro Brazil pagará a dívida de um milhão de contos?...

Só Deus o sabe.

A Maçonaria e o Crente

III

«Vires acquirit cundo»

Livro VI de l'Eneide.

«Vitam impedere vero»

Juvenal.

La Rochefoucauld, em sua maxima n. 42, cita, a respeito do *sensu commun* que produz na alma a certeza segura, inalavel e completa dos factos produzindo a evidencia das nossas convicções, as seguintes palavras de Fénelon, extrahidas das suas «Cartas sobre religião» (VI, n. 3). «Verdade é, diz elle, que os homens, segundo já observou e muito bem um auctor contemporaneo, (*) não têm força bastante para seguir toda a sua razão; e eu também estou capacitado de que sem a graça e só por sua forças naturaes, ninguem teria toda a consciencia, toda a regra, toda a moderacao e desconfiança de si, necessarias para descobrir ainda aquellas verdades que não precisam da luz superior da fé: em uma palavra, essa philosophia natural,

(*) Os *gryphos* são meus, e peço ao maçon e crente que tenha dô de Sotero, Odorico Mendes e Dilermando, quando não quizer attender ao amigo dos escritores maç. — o velho Moraes.

que fosse sem prejuízo, sem precipitação, sem orgulho, tocar o avo da razão simplesmente humana, é um mero *romance de philosophy*. Só com a *graça* conto eu, para dirigir a razão dentro dos estreitos limites da mesma razão, afim de obter o conhecimento da religião; porém, penso, como Santo Agostinho, que Deus dá a cada homem um primeiro germe de *graça* íntima e secreta, que se mistura imperceptivelmente com a razão, e prepara o mesmo homem para ir passando pouco a pouco da razão para a fé: a isto chamava Santo Agostinho (pedindo licença á sabedoria do maçon e crente) *Inchoationes quoddam fidei conceptionibus similes*.

Pois bem, quem assim considera e reconhece que, sem a *graça* divina, o espírito do homem, sujeito a influência do mundo e da carne, foi feito para errar sempre, devido a tendência que temos para as causas terrenas, e que, por conseguinte, é necessário que mostre e affirme com clareza que tem razão para differenciar o verdadeiro do falso, a verdade da mentira, o fallível do infallível, e que não ha medo algum de errar, quando se propõe alguma causa antagonica ao seu proposito; é mister julgar os seus actos por homens cujo espírito desenvolvido possa perceber a interferencia divina, em qualquer das *hypotheses*, se ha fundamento de certeza, ella será reputada segura e completa, e, logicamente, assentada sobre os principios do *sensu commun*, será ainda uma causa clara, evidente e fóra de contestação.

Entretanto, o que nós gostaríamos de saber era qual seria a diferença que poderíamos encontrar nessa *certeza* sem a *graça* divina em comparação com os benefícios que aquella nos assegurará.

De facto, qual o resultado, se ha fundamento de certeza, de todo esse trabalho que vemos em prol da maçonaria, illudindo e sophismando as forças combatentes e as suas aspirações? Qual o resultado para a Igreja?

Logo, é preciso reagir. O que cumpre fazer? Empunhar, unicamente, a Palavra de Deus, viva e efficaz e mais penetrante do que toda a espada de dois gumes, e que discerne os pensamentos e intenções do coração (Heb. 4:12). Mal de nós no dia em que não tivermos confiança n'ella para abaixar a colera e os impetos dos ocupados pela politicagem e absorvidos pelo desfremento de suas paixões, do seu orgu-

lho por qualquer protecção que as comunhões mundanas lhes poderão conceder.

Hoje as cousas vão mudando, devido á fugida dos Ir.: *zangados* em matéria de maçonaria, ou em outro qualquer exemplo de tolerancia para os velhos abusos...

Portanto, a clareza com que brilha a verdade é, em relação da influencia das inclinações peccaminosas, tão *distantes do erro* que o espírito temente a Deus a percebe sem outra qualquer influencia senão a da *graça* divina, que se torna evidente, quanto mais observamos o decalogo e os ensinamentos do Salvador.

Enche-nos muito de alegria este facto. Elle demonstra ao mesmo tempo, pela reacção que havemos posto, que não está tudo perdido, como o julgam, e sim liberta-nos da pressão mundana, que, para os *crentes*, reseca e atrofia todas as fibras do coração, porque é obra contraria ao Evangelho e, nesta questão, de *razões secretas*.

Neste assumpto (para mal dos peccados do maçon e crente) somos de uma *intransigência* absoluta e por isso a duvida não pode ser permittida. Os factos que vos tenho apresentado são certos como numerosos; e comtudo, examinem todos os nossos escritos, não procuramos offendrer individualidades, como assoalham, apresentando, bem intencionados pela nossa piedade christã e pelo nosso zelo religioso, as provas para destruir nessas almas os elementos de *neutralidade e indifferença*.

Vamos completar a primeira parte desta serie de artigos (cuidado com o deboche Antonio!) continuando a dizer *alguma causa* sobre as legendas encontradas na maçonaria, o que respeitamos, sómente com testemunhos maçonicos.

Eis-o :

«A allegoria do Sol personificado era a mais usada nos myst.: entre os romanos, gregos, phenicios, egypcios, indios, judeus e christãos. A morte de Adonis era chorada pelas sacerdotisas, assim como os christãos choravam a morte do deus Luz (?); os maçons choram também a morte de Hiram (sou capaz de afirmar o contrario), que tem uma analogia manifesta com todos os heróes da antiguidade. Os christãos (diz Reghelin) adaptaram esta ALLEGORIA a Jesus, como os maçons a adaptaram a Hiram». Isto, leitores, poderão en-

contrar na Bibliotheca maçonica, pag. 111, l. 11.

Apresento-vos mais o seguinte, que é tão facil de enganar os *gregos na historia*.

«Os emblemas egycios, que passaram aos judeus, foram (diz R. de Schio) adoptados tambem pelos primeiros christãos, e destes passaram aos cavalleiros e aos maç. : para lhes lembrar que a religião é fundada na astronomia, e que este segredo é conhecido sómente por alguns iniciados estudiosos (pag. 112, tit. 4º Emb.). Isto posto, é impossivel escapar a seguinte phrase de Cicero, citada no seu discurso em favor de um romano inimigo de Cesar : *habemus confidentem reum*.

Outro testemunho melhor e *mais bíblico*.

«Já dissemos que a doutrina das diferentes seitas antigas *era relativa aos elementos, e ao culto da Sol*; «os Ophytas, os Esseinos, os Caballistas e os Gnosticos *honraram o Sol*, como a mais bella imagem do Creador, o que se acha ainda na maç.». «Estas doutrinas, conservadas na Asia, foram trazidas (diz R. de Schio) para a Europa pelos Car. das Cruzadas, e adoptadas pelas diferentes sociedades secretas. Note-se que a doutrina dos elementos *se acha* tambem na Biblia (sic). Pelo que respeita a *Mithras*, os persas pensavam que elle tinha morrido para *salvar* os homens; o mesmo *jugaram* os egycios a respeito do seu *Osiris*, os gregos a respeito de *Prometheo*, os romanos a respeito dos filhos de *Jupiter*, os phenicios a respeito de *Adonis*, os indios a respeito de *Chrishna*, e os judeus-christãos a respeito de *Christo*. Muitos ritos maç. conservam ainda a mesma doutrina» (pag. 114, 6º doct.).

De maneira que, como acabamos de ler, fica provado em segundo logar, pela continuação do artigo precedente, que nada dissemos a não ser pelo proprio testemunho maçónico que attribue á maçonaria a adoração do Sol, *personificado* sob o nome de *Hiram*, um ente mythologico. Temos, portanto, provado a idolatria maçonica e a blasphemia de chamarem Christo um ente *allegorico e fabuloso* ! ! ! ...

Assim, pela consequencia do que acima fica dito, podemos citar umas tantas verdades, com a necessaria licença dos *doutos theologos* que apareceram como os mais fortes esteios da religião da *humanidade*, a respeito dos *idolos mudos e do culto prestado ao Sol*.

Ouçamos Ezequiel, cap. 6 e versiculos 4-5 :

«E serão assolados os vossos altares, e quebradas as vossas imagens do Sol, e derribarei os vossos atravessados, diante dos vossos ídolos». Logo, a maçonaria sustentando as *doutrinas do Oriente* condenadas no Evangelho, é participante, como os filhos de Israel da maldição divina, que diz pelo propheta : « e espalharei os vossos ossos em roda dos vossos altares».

Si, porém, infelizmente a maldade e a immundicia reinaram nas *associações secretas*, os Ir. mais uma vez precisam abandonar taes cousas impróprias do crenente em Jesus Christo, afim de não cahirem «por causa das maldades que fizeram em todas as suas abominações». (Ezeq. 6 e 9).

«Os ídolos delles são prata e ouro : obra das mãos dos homens. Têm bocca, mas não fallam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; têm narizes, mas não cheiram. A elles se tornam semelhantes os que os fazem; assim como todos os que nelles confiam». (Psalmo 115: 4 a 8). Ora, bem sabemos, e é impossivel acreditá-lo, que os Ir. não confiam em taes bonecos, mesmo porque isso importaria n'uma eliminação do nosso meio protestante ; mas, temos certeza; que ahi vivendo em comunismo e sujeitos á essa disciplina, serão considerados como os que confiam, e isso é claro, no *Sol de Hiram*, no *poder de Osiris*, dois entes tão diferentes como destruidores da santificação do carácter e de tudo que possa influir para bem do peccador.

Concluiremos esta serie com duas observações.

1º A *allegoria* do Gr. Arch. do Un., como a *do bom e máo princípio*, passou dos indios aos mithriacos, e destes aos judeus-christãos, que a transmitem a os Car. das Cruzadas, e é destes *ultimos que os maçons a receberam*. (Bibliotheca maç.).

Logo, nestas condições, como os maçons protestantes poderão admittir a heresia do persa *Manes* ou manicheismo ?

Não queremos refutar, nem corrigir, porque isso não nos compete, desde que ha uma afirmativa maçonica sustentando que os dois principios *passaram dos manicheos* para os *pedreiros livres*, hoje defendendo as *perturbações* dos séculos 4º e 5º da era christã,..

2º «Tanto nos myster.º» antigos co nos modernos se acha sempre figurado *um romance*, cujo heróe é *a luz*; e suas sentenças fazem allusão ao sistema da geração, da destruição e da regeneração dos entes».

Sendo assim o testemunho maçônico, tirado da Biblioteca maçônica, pag. 110, fica tacitamente demonstrado para os maçons protestantes que a Paixão e Morte de Jesus Christo é um *romance da luz*. Ora, quem assim sustenta tais principios, e vive nas tendas da impiedade, não pôde, em consciencia, ser protestante e nem deve afirmar-o; a menos que tenhamos descurados os nossos deveres relativamente ao Deus Trino e Eterno.

E' por isso tambem que sustentamos o incansavel Lauresto, trabalhador que não cessa de proclamar a *sublimidade* do meio protestante, para que seja cada vez mais conhecida a igreja, e tida, pelo seu sistema, por todos no que realmente vale e no que merece. Ahi não ha *segredos invioláveis* ainda perante as autoridades legitimas, civis ou religiosas. Os Ir.º — por consequinte, não têm razão, nem de um modo, nem do outro, como acima vos disse pela observação de Rochefoucauld.

Agora quanto a these, fica provado, pelos proprios maçons, que os Ir.º RENDEM CULTO AO SOL E NÃO A DEUS; e tambem afirmam a blasphemia de que a Paixão e Morte do Salvador é um *romance da luz*, e Christo um *ente allegorico e fabuloso!!!* E, no entanto, sois vós «que vos comparaes aos primeiros cristãos, tão santos, tão puros, tão desprendidos da terra», e dos quaes, «apesar d'isso», escreve o apostolo: «experimentaram escarnecos e açoites, e até cadeias e prisões; foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de pelles de ovelhas e de cabras, desamparados, afflictos e maltratados (Heb. XI:36, 37)»! Felizmente, pelo que temos aprendido, sabemos que esses assim procediam para que podessem escapar á sanha feroz da impiedade, mesmo para que algum escapasse e «a Igreja não fosse completamente afogada em sangue no seu berço». Assim o queria a Providencia, e assim o inspirava o Divino Mestre áquelles primitivos fieis, aos quaes o mundo perseguiu. Mas vós! vós de quem, e de que vos temeis? Quem vos persegue?»

Em conclusão: ninguem pôde servir a dois senhores. A certeza d'isto clara-

mente demonstra, e a razão temol-a connosco.

20—3—99.

ANTONIO MARIA.

ERRATA. — O numero passado appareceu com erros graves e dos quaes não dispensem os seguintes: *assolar*, em vez de *avassalar*; *por elles* em vez de *por isso elles*; *mendigar*, em vez de *miudezas*; *que peiora*, em vez de *que prova*; *á leira*, em vez de — *á letra*; *uma accitação*, em vez de — *nossa aceitação*; *dever associar-se*, em vez de — *dever de associar-se*.

Igrejas

As igrejas evangelicas tomam diversos nomes para se differenciarem umas das outras, nomes tirados, ou do seu regimen administrativo, ou do local, ou de certo modo de interpretar as Sagradas Letras, segundo o ponto de vista dominante; e outras, ainda, aceitam, *pelo uso*, uma denominação derivada de outras circumstancias quaesquer.

Mas, de todas ellas, a fé é *uma*; e, sob esta base, é *uma só* a Igreja de Christo.

No tempo dos Apostolos era *uma só* a Igreja; mas, dispersos os seus membros por muitos logares, cada assembléa dos irmãos tomava o nome ou chamava-se de — Igreja — deste ou d'aquelle logar, desta ou d'aquelle nacionalidade, segundo onde estivesse localizada, ou de quem fosse composta.

Depois, com o correr dos seculos, foram aparecendo as denominações, segundo a doutrina biblica mais em evidencia, que seguiam.

Porém todos os nomes são escripturisticos; ou nenhum o é, segundo se entenda.

Não ha nome *melhor nem mais autorizado* para uma assembléa de irmãos na fé, de qualquer denominação; todos são iguaes.

«Não é o habito que faz o monje»; não é o nome que faz a igreja escripturistica. Isto, pouco ou nada vale; o que vale, é um mesmo espirito de Deus, uma fé, um amor christão, uma crença commun, unindo os filhos de Deus, num só corpo espiritual, em uma só igreja visivel.

Deixemos-nos de nomes e superioridades escripturisticas; — a fé é que salva.

Aqui, no Rio, temos muitas denominações evangelicas, todas escripturísticas pelo seu fundamento—Jesus, a Pedra Angular; o nome de cada uma designando apenas particularidades doutrinarias.

Nesta cidade, ha uma só Assembléa de Irmãos, uma só Igreja de Deus, uma só Igreja Fluminense, ou dos Fluminenses, no sentido Biblico :—é a constituída pelos crentes sinceros das denominações presbiteriana, congregacionalista, baptista e outras.

Essa, sim, é a verdadeira Igreja de Christo, Fluminense. Nenhuma outra, no sentido escripturístico.

Portanto, nenhum membro deste grande corpo espiritual, se poderá destacar dos outros, tomando para si, exclusivamente, o nome que pertence ao *todo*, porque assim, imprecita, quando não claramente, pretende salientar-se, como melhor e superior aos outros membros; o que não é caridoso nem christão.

Não nos elevemos, nem nos destaquemos *pelo nome*; salientemo-nos, sim, pelo amor a Christo e pelo resultado desse amor puro e santo :—o trabalho evangelico.

24—Março—99.

N. S. C.

Indulto sobre o jejum

No principio do mez passado (Fevereiro) o arcebispo do Rio de Janeiro lançou uma interessante pastoral, concedendo um benevolo indulto sobre o jejum, e que resumo aqui para conhecimento e diversão dos fieis... erentes que se interessam por essas cousas.

Em primeiro lugar, elle faz uma bonita introduçao, lamentando a decadencia do seculo e da Igreja.

E depois diz: «que a miseria que aumenta cada dia, a inclemencia deste clima, os calores caniculares que deterioram os alimentos proprios do jejum, e da abstinencia, a carestia crescente, o enfraquecimento da fé e a tibieza dos sentimentos christãos, todos esses motivos é que levaram o seu paternal coração a implorar da Santa Sé o indulto que vem attenuar o rigor da lei do jejum; e tornando tão branca e tão suave a sua practica que todos os fieis possam observal-o sem grande sacrificio».

Louvo essa benevolencia apostolica: o feijão está caro e a fé é pouca; os calores estragam depressa o peixe e outros alimentos do jejum e os sentimentos christãos estão baixando;—é preciso fortificar a fé. E então é natural dar carne aos fieis, para ver se assim faz-lhes subir a fé, a medida que o cambio baixa,

E' pois louvavel esse indulto salvador da fé... romana; e do qual dou algumas clausulas.

1º Permittimos (o arcebispo e eu) o uso de carne *de qualquer qualidade e de qualquer cér*, (o que estiver em grypho é explicação pessoal com que auxilio o nosso indulto).

2º Nos dias de jejum a carne é permittida sómente ao jantar, *pois ao almoço já é pecado*.

3º Não é permittido o uso da carne a *quem não puder comprá-la*, ás sextas-feiras, e na quarta e quinta da Semana Santa; *quem come-a nestes dias pecca e terá indigestão*.

4º Nos Domingos pôde-se comer carne *assada ou cozida*, ao almoço e ao jantar; mas absolutamente não se pôde é misturar carne *de vacca* com carne *de peixe*, porque isso é uma *cousa horrivel em qualquer dia de jejum e dá dor... de dente*.

5º Os que não estão obrigados á lei do jejum (*creanças menores de 21 annos, que ainda não têm juizo; e velhos maiores de 60, que já o perderam*), os doentes, etc., podem comer duas vezes por dia, *mas pouca*.

6º Nos dias de jejum em que se pôde comer carne, pôde-se tambem usar no jantar óvos *de gallinha* e lacticinios *de vacca ou de Minas Geraes*.

7º Lembramos aos amados filhos, que em compensação de tantas facilidades, *ao jantar e á fe, façam esmolas mais generosas e mais frequentes, e deem mais dinheiro principalmente para a Cathedral*.

E' pois evidente como somos benevolentes; e se com essas facilidades a fé não aumentar e o dinheiro não fôr mais abundante, então é caso para... fazer ponto aqui.

LAURESTO.

(Vide *Jornal do Commercio* de 11 de Fevereiro de 1899).

NOTICIARIO

Nascimento.—O Sr. Thomaz Lourenço da Costa participou-nos o nascimento de mais um filhinho.

Parabens.

Falecimento.—Falleceu em S. Paulo o Dr. Ignacio de Mesquita, medico da policia e sogro do Rev. José Higgins.

A' sua exma. senhora, D. Elisa Mesquita e a seus filhos e genro, apresentamos as nossas sinceras condolencias.

Profissão de fé.—No domingo 12 do mes passado, na casa de oração da Igreja Evangelica Fluminense em Nictheroy, foi baptisado o irmão Fortunato Gomes da Luz, sobrinho do Diacono J. J. P. Rodrigues.

Durante o anno passado foram baptisadas alli 11 pessoas.

Parabens.

Louvavel.—A Igreja Presbyteriana desta cidade acaba de iniciar uma obra que taivez seja o berço de uma importante instituição de caridade.

Referimo-nos á resolução da mesa administrativa, de alugar uma casa para abrigar as irmãs idosas e invalidas, proporcionando-lhes o sustento necessário.

Já se acham recolhidas 4 irmãs.

Esperamos que Deus desenvolva esta obra e que esta idéa ache muitos imitadores nas diversas Igrejas Evangelicas no Brazil.

Casamentos.—O Sr. Bento de Souza e Silva participa-nos, de Campos, o seu casamento com D. Ermelinda Lessa da Silva.

Nossas felicitações.

—Realiza-se no dia 6 de Abril, em S. Paulo, o consorcio do nosso amigo e agente do «Christão», Sr. Mario de Cerqueira Leite com D. Eduarda de Mello.

Será celebrado o acto religioso na 2^a Igreja Presbyteriana, de S. Paulo, pelo Rev. M. P. B. Carvalhosa.

Esta redacção far-se-á representar, e no proximo numero dará noticia mais detaillada.

Nossos sinceros parabens.

Relatorio do Patrimonio da Igreja Evangelica Fluminense.—Está sendo distribuído aos seus membros e contribuintes, o relatorio impresso da Administração do Patrimonio da Igreja Evangelica Fluminense relativo ao anno de 1898.

D'elle extrahimos os seguintes dados: «Manutenção de Culto: receita de donativos, collectas, etc. 6:556\$920 e despesa, 5:940\$540; saldo para 1899, 616\$380. Casa de Oração em Passa Tres e casa de morada do Pastor, custo total, 21:636\$470; dívida a solver, 10:045\$490. Casa de Oração em Nictheroy, fundos disponíveis para a edificação da casa propria, 9:937\$880.

Mais um abuso.—D Antonio de Alvarenga, bispo de S. Paulo, partiu desta capital para S. Paulo, no nocturno de 23, «em carro reservado, mandado pôr á sua disposição pelo presidente da Republica» («Jornal do Commercio»).

Uma pergunta muito natural: Quem paga o carro reservado?

Será o Sr. Presidente da Republica, do seu bolsinho particular, ou será pago com o dinheiro da nação?

E' quasi inutil perguntar: na quadra actual, é o dinheiro do povo quem paga esses luxos do romanismo, oficialmente manifestado e offerecidos pelo governo.

Não é assim que o paiz ha de ir em progresso, quando a violação da lei parte da autoridade mais alta da Republica!

Passa Tres.—A perseguição de que nos dá noticia n'outra parte o nosso irmão sr. Marques, merece severa repressão por parte do chefe de policia do Estado.

Não se comprehende como se coloca em mãos incompetentes, ou inhabeis, um cargo de tanta importancia como é o de delegado. O delegado naquelle logar não reprimiu o desacato aos crentes, assim como ao actual delegado de Passa Tres não desagravaram certas ameaças aos evangelicos nessa villa. O cargo de delegado deve ser preenchido por uma pessoa que comprehenda a altura de sua posição, que seja moderado, calmo, circumspecto, justiciero, e, se for possivel, temente a Deus, e não a um exaltado, irresponsavel e que sacrifica o desempenho de seus deveres para agradar ao seu partido.

O sr. Marques esteve entre nós e assistiu à retirada do sr. Fasstone.

—O lugar de Miss Melville fica ocupado interinamente pela sra. d. Regina Cherem.

Padre.... de expediente.—Em Matto Grosso de Batataes, S. Paulo, o Padre Vincenzo Monsillo, precisava dinheiro. Homem de recursos, sahiu-se bem: fez uma rifa de casas que dizia possuir em

S. Paulo, e cujo producto seria para construir uma matriz na villa; e assim passou os bilhetes aos seus parochianos a 100\$000 cada um, arranjando 10:000\$000. Então foi a São Paulo, jogou o habitu ás ortigas e casou-se muito burguez e civilmente com uma patricia...

Agora é que os logrados descobriram o negocio e estam furiosos, de, em vez do seu rico dinheiro servir para a construcção da matriz, auxiliar a construcção de um novo casal!...

A ultima hora, a policia parece que descobriu que o nome é falso; que chama-se Philippe Lansilose, e foi vigario do Rio das Pedras.

Eis ahi um verdadeiro vigario do conto do mesmo!

Da Sociedade Auxiliadora de Senhoras da Igreja Presbyteriana, recebemos um officio, do qual, por vir á ultima hora, só podemos dar um extracto, para sahir neste numero do «Christão»:

«No dia 10 de Março realizou uma sessão solemne, commemorativa do seu 1º aniversario.

Ao meio dia, D. Joanna Tavares de Sá, abriu a sessão, convidando o Rev. Alvaro dos Reis para fazer oração.

Lido um capitulo da Biblia, seguiram-se os seguintes discursos:—da 1ª secretaria, D. Julia dos Santos, que, em nome da Directoria, conceitou o fervor religioso dos socios e agradeceu ao Rev. Alvaro os serviços prestados á Sociedade; do Rev. Alvaro, agradecendo; da oradora oficial, D. Dalila Ferreira, que fez o discurso commemorativo; e do Rev. Erasmo Braga, que saudou á Sociedade.

No intervallo dos discursos cantaram-se hymnos.

A Presidente, então, agradecendo o comparecimento das pessoas presentes, encerrou a sessão, pedindo ao Rev. Erasmo Braga para fazer oração».

União de senhoras da Igreja Evangelica Fluminense. — Durante o anno houve 12 reuniões desta sociedade.

Foram feitas 57 visitas ás irmãs, por senhoras. A collectâ da cesta destinada á manutenção do culto da mesma Igreja, rendeu 27\$707. Contribuição para o gaz da Igreja, com 30\$000. A thesoureira apresentou o seguinte relatorio:

Saldo de 1897,	1:300\$787
Collectas e juros em 1898,	409\$605
Somma	1:710\$392
Beneficencias e donativos,	465\$000
Saldo para 1899,	1:245\$392

Sociedade de Evangelisação. — A directoria desta sociedade agradece os donativos constantes dos recibos abaixo:

890 V	6\$000	890 BB	5\$000
890 X	4\$000	890 CC	2\$000
890 W	10\$000	890 DD	5\$000
890 Y	20\$000	890 EE	10\$000
890 Z	5\$00	890 FF	2\$000
890 AA	2\$000	890 GG	5\$000
890 F	2\$000	890 HH	10\$000
890 G	50\$000	890 II	\$500
890 H	5\$000	890 JJ	2\$000
890 I	20\$000	890 KK	4\$000
890 J	10\$000	890 LL	2\$000
890 K	5\$00	890 MM	2\$000
890 L	5\$000	890 NN	\$500
890 M	2\$000	890 OO	10\$000
890 N	10\$000	890 PP	3\$000
890 O	2\$000	890 QQ	6\$000
890 P	5\$000	890 RR	5\$000
890 Q	5\$00	891	10\$000
890 R	10\$000	892	4\$000
890 S	5\$000	893	18\$000
890 T	2\$000	894	2\$000
890 U	2\$000	895	30\$000

Igreja Presbyteriana. — Do Relatorio do Movimento Espiritual e Financeiro desta igreja, relativo ao anno de 1898, extrahimos os seguintes apontamentos:—Estão em connexão directa com esta igreja:—uma *eschola parochial*, sob a direcção de D. Antonia Pessanha, á Rua da Carioca, 39.

A Igreja Presbyteriana de Nitcheroy (constituida independente neste anno).

A Sociedade Auxiliadora de Senhoras, organizada em Março de 1898.

A Sociedade de Propaganda, refundida em Julho de 98.

A Eschola Dominical, com frequencia total de 1566 alumnos e media de 120 por Domingo, só no 4º trimestre de 98.

MOVIMENTO ESPIRITUAL

Durante o anno, professaram 41 pessoas e 5 foram acceptas por carta demissoria. Baptisaram-se 15 creanças. Falleceram 9 e foram eliminados 5.

Número actual de Membros 330.

A ESCOLA DOMINICAL

Tem 1 superintendente, 9 classes e 9 professores. As collectas em 98, renderam 445\$000.

MOVIMENTO FINANCEIRO

Contribuições para Missões Nacionaes e Seminario—3:051\$000.

Para a manutenção de cultos 13:756\$000.

Donativos para as obras da Igreja e casa do Pastor 14:926\$000.

E outras quantias menores, perfazendo um total de 34:905\$000, entrados em um anno.

Ficou prompta a casa do Pastor no valor de 35:000\$. Actualmente a dívida da igreja é de 25 contos.

O Relatorio é bastante minucioso; contém 53 paginas. E' muito bem impresso.

Por falta de espaço — somos obrigados a deixar de inserir neste numero diversas notícias locaes e estrangeiras e a traducção do livro *As Catacumbas de Roma*.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS

Antonio Carmesim da Silva. — Este irmão continua soffrendo dos seus padecimentos antigos, em Portugal; mas assim mesmo e pobre, é activo na obra do Senhor.

Durante os ultimos sete meses vendeu 781 livros, folhetos e folhas evangelicas; é uma venda muito diminuta, mas entre o povo portuguez do norte, que até tem medo de pegar em livros evangelicos, é bastante.

Este irmão além de vender os livros, ocupa-se em anunciar o Evangelho de casa em casa, e lê a Palavra de Deus no Porto e arrabaldes.

Ha cerca de anno e meio tem interessado e instruido na Palavra de Deus 45 pessoas, com parte delles tem feito culto em suas casas, e tem exhortado a fugir da ira vindoura, entregando-se a direcção de Jesus.

Tres já professaram na Igreja Methodista do Porto e mais dois professaram e foram baptizados na Igreja Evangelica do Bom Sucesso, Porto, e alguns mais já estão a prova.

Sim, o Senhor abençoe este irmão e o faça mais e mais fiel e humilde á sua santa Palavra, e que lhe dê saúde e forças para tanto trabalho é o que lhe desejamos.

Notícias... de padres. — *S. Francisco*, 18.—Chegaram aqui treze sacerdotes que conseguiram fugir das Philippinas.

Contam elles que nas Visayas existem quarenta e cinco prisioneiros e que quarenta e tres padres que alli se achavam foram assassinados.

Accrestam que o chefe tagalo Aguinaldo tem tambem prisioneiros trezentos monjes, exigindo uma ordem do Papa para os libertar.

Um telegramma de Vienna annunciava que nestes ultimos dias, na Austria, 10.000 pessoas tinham passado do romanismo para o protestantismo, e que esse facto estava preoocupando seria e profundamente o Vaticano.

E não é para menos...

10.000 romanos assim de uma vez !...

Portugal. — **NOTÍCIAS DIVERSAS.** — Folgamos em annunciar aos nossos leitores portuguezes que o nosso irmão José Augusto Santos e Silva aceitou o cargo de Agente d'*O Christão* para Portugal.

Todas as pessoas residentes em Portugal que desejarem assignar *O Christão* deverão dirigir-se ao Sr. Santos e Silva, á rua Afonso d'Albuquerque nº 6 ; 4º Lisboa, que obsequiosamente prestará todas as informações.

Chegou no dia 17 de Fevereiro a Lisboa, o abençoado evangelista Sr. Maxwell Wright, ficando as suas manas em Wimbledon, em razão de achar-se doente uma dellas.

Espera-se que o Sr. Wright trabalhe por algum tempo na Igreja Presbyteriana e na Missão da Estephania.

— Nesta nova casa de oração, estabelecida em Junho do anno p. p., têm continuado as boas reuniões, e o Rev. Moreton dirigiu alli no meado de Janeiro, uma semana de conferencias evangelicas, havendo todas as noites um concurso de mais de 300 pessoas.

— Falleceu o Sr. Mathias Lopes, irmão bastante espiritual, reconhecido diacono pela Igreja no Cascaõ; já ha alguns annos. Professou publicamente a sua fé no anno de 1881, no mesmo anno em que professou o Sr. Santos e Silva, em cuja companhia

tem estado desde aquella epocha. Sofria de lesão cardiaca e ultimamente foi acometido de *influenza*, falecendo 8 dias depois de cahir de cama. Deixou uma filhinha, que por não ter familia que a possa receber, ficará com a familia do nosso irmão Santos e Silva.

O nosso irmão Sr. Silva não tem andado bom, especialmente depois do falecimento do irmão Mathias Lopes, que muito o impressionou.

Uma boneca real.—Sob este titulo publica o Sr. A. T. Story uma interessante historieta sobre a Rainha Victoria. Ella era *apenas* filha da Duqueza de Kent e tinha oito annos de idade. Um dia quiz comprar uma boneca que vira n'uma vitrina, porém a mãe só lhe deu licença para isso quando ella ajuntasse por si o dinheiro necessário — seis schillings. Tendo finalmente arranjado esta quantia, ella foi á loja e comprou a boneca; mas quando ia sahindo muito satisfeita, encontrou-se á porta com um mendigo esfarrapado e doente. Este affastou-se sem nada dizer; porém lia-se nos olhos a sua anciadade. Ella parou e perguntou-lhe: queres fallar-me?

Elle encorajado animou-se a fallar: «tenho muita fome e só lhe peço esmola porque estou quasi morto.»

—«Eu não tenho dinheiro; mas... espere,» disse ella, e entrou de novo na loja. Disse a logista que no dia seguinte viria buscar a boneca e pediu o dinheiro. Véiu e deu-o todo ao mendigo, muito alegre. Este assombrado, murmurou: «Si Deus a fizesse rainha não faria mais do que merece pela sua bondade!»

E assim aconteceu...

Rapidez extraordinaria.—*O Jornal do Commercio* dá a seguinte noticia interessante ácerca da velocidade a que tem chegado os trens:

«Um trem especial lançado entre Chicago e Springfield, bateu recentemente o record da rapidez. E' o trem mais rapido que até o dia de hoje tem devorado o espaço.

«Um carro coberto, dous de carga e uma locomotiva pesando 50.000 kilos.

«Engenheiros, munidos de tachymetros e dos apparelhos necessarios para fixar a exactidão das observações de rapidez, fizeram a seguinte folha do caminho:

«Duração total da viagem, 3 horas 9 minutos.

«Distancia total percorrida, 297 kilometros, 7 hectares.

«Rapidez média por hora, 99 kilometros, 2 hectares.

«Feita a deducção de uma parada de 9 minutos.

«Durante o trajecto, em um percurso de 15 kilometros, a rapidez foi de 120 kilometros por hora e em um outro trajecto de perto de 5 kilometros o trem attingiu a extraordinaria velocidade de 142 kilometros. Iguas droezas são impossiveis nas estradas de ferro da Europa, onde as curvas obrigadas das estradas e as innumeraveis estações de passagens constituiriam outras tantas occasões de accidentes».

Tomando, por exemplo, a distancia na Estrada de Ferro Central do Brazil entre esta cidade e Cachoeira (265 kilometros) e calculando a velocidade média que o trem percorreu entre Chicago e Springfield, concluiremos que essa viagem poderia ser feita em 2 horas e 40 minutos ou até S. Paulo (496 kilometros) em 5 horas.

PEDIDO JUSTO

Rogamos aos nossos assignantes em atrazo, o favor de remetterem a importancia de suas assignaturas pelo correio, com valcr declarado, para a rua da Quitanda n. 39—Rio de Janeiro.

Nas cidades onde temos agentes, os mesmos prestam-se obsequiosamente a receber a importancia das assignaturas.